

Elas quebram coco, preconceitos e barreiras sociais

No Médio Mearim, região com histórico de brigas por terra, mulheres lutam por melhores condições. As quebradeiras do coco de babaçu já obtiveram resultados e ganharam força para seguir em frente.

Texto: Diego Braga Norte. Fotos: Iolanda Huzak.

Ninguém escuta meu grito, desconhece meu sufoco / Escondida lá no mato, com fome, quebrando coco, diz o refrão da música entoada durante o trabalho na mata de transição entre cerrado e floresta amazônica. Em Lago do Junco, na região maranhense do Médio Mearim, rotina pesada. Mães, donas-de-casa e pequenas agricultoras ainda arrumam tempo para acordar cedo e sair



MÃOS EM AÇÃO, NA PESADA ROTINA DAS QUEBRadeiras DE LAGO DO JUNCO, MARANHÃO.

à procura do coco de babaçu. E ainda participam de reuniões, assembléias e dirigem cooperativas e associações. São trabalhos e responsabilidades suficientes para Hércules. E, como o herói grego, elas parecem dotadas de energia e garra sobre-humanas. Caminham léguas com pesados machados e jacás, entram na mata e recolhem os frutos caídos para quebrá-los e retirar as amêndoas. São as quebradeiras de coco de babaçu. Essas palmeiras, plantas nativas, ocupam cerca de 18,5 milhões de hectares e se estendem por seis Estados. No Maranhão se concentram em mais de 10 milhões de hectares. Conhecido ditado prega: Do boi, só não se aproveita o mugido. Como palmeiras não falam nem mugem, tudo se aproveita. As mulheres, enquanto trabalham, cantam. Cantigas de origem popular que versam sobre vida, trabalho e esperança. As palhas do babaçu viram tetos das casas de pau-a-pique, cercas. A casca do coco, carvão vegetal de excelente qualidade. Do mesocarpo, parte interna entre casca e núcleo, vem a farinha, rica em vitaminas, cálcio e ferro. E, das amêndoas, fabricam óleo,

também rico em vitaminas e muito valorizado na indústria alimentícia e de cosméticos.

Babaçu Livre

Lago do Junco foi a primeira cidade a aprovar a lei que permite livre acesso às palmeiras nos vastos pastos particulares. Hoje, outras cidades do Maranhão e de outros Estados também já aprovaram a Lei do Babaçu Livre. Querem tornar a lei federal; projeto enca-

minhado à Câmara tramita no Congresso.

A primeira aprovação data de 1997, mas a conquista veio depois de longa batalha. Antes de 1960, as quebradeiras não tinham dificuldade para coletar coco. A maioria das terras era devoluta, não havia fiscalização. Com a chegada de grileiros e fazendeiros, jagunços e capatazes, surgiram cercas e arame farpado. A região assistiu a conflitos agrários nos anos 1980. Há dez anos, muitas famílias conquistaram um quinhão de terra e, em vez da solução, passaram a viver outros problemas, como falta de incentivo técnico e financeiro. O êxodo rural cresceu junto com a desilusão. As famílias buscaram a organização coletiva.



EMBALANDO O SABONETE BABAÇU LIVRE.

De quebradeira a empresária

A Cooperativa de Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (Coppalj) possui fábricas de óleo e sabão. Beneficia mais de 140 famílias e, indiretamente, mais de 800 pessoas. Produz em média 20 toneladas por mês de óleo. Exporta para famosas marcas de cosméticos da Inglaterra e dos Estados Unidos. Segundo Sebastiana Cerqueira, quebradeira e presidente da Coppalj, a renda dos associados aumentou mais de 70%. Da fábrica de sabão saem em torno de 5 mil unidades por mês – sabão, sabonetes com mel, erva-doce, outras fragrâncias. A cooperativa tem quatro armazéns onde as quebradeiras podem trocar as amêndoas por dinheiro, alimentos e bens de consumo. As cooperadas ganham duas vezes: uma, ao vender a amêndoa; outra, ao dividir os lucros da própria cooperativa. Há ainda os imensuráveis ganhos sociais e de auto-estima. As mulheres quebram não apenas coco, mas preconceitos e dificuldades. Maria Alaídes resume o sentimento geral: “Antes eu tinha vergonha de dizer que trabalho com coco, hoje sou empresária.”

Noutro município, a Cooperativa de Pequenos Produtores Agroextrativistas de Esperantinópolis montou fábrica de farinha. Depois de descascar o coco, as mulheres quebram e retiram o mesocarpo. Há casas especialmente preparadas, com ferramentas e condições de higiene adequadas. Depois de seco e aquecido em forno para tirar a umidade, o mesocarpo é moído. Pronto: está feita a farinha altamente nutritiva que se pode usar de acordo com a criatividade da cozinheira.



EMBALAGEM DE FARINHA DE BABAÇU, NA COOPERATIVA DE ESPERANTINÓPOLIS.

“Quando a gente está disposta a mudar, muda mesmo.”



MULHERES DA AMTR: PROTAGONISTAS DAS MUDANÇAS.

A Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Lago do Junco (AMTR) exerceu fundamental papel na construção de alternativas sociais e produtivas mais justas. Outras cooperativas e associações trabalham de maneira interligada, todas acolhidas pela associação em Áreas de Assentamento do Estado do Maranhão (Assema), responsável pela assessoria técnica, administrativa, jurídica e política.

A Assema existe há 16 anos e está presente em sete municípios do Médio Mearim. Assessora diversos projetos e beneficia financeira e socialmente cerca de 3.500 pessoas. Tanta perseverança e tanto trabalho levaram o empreendimento de agroextrativismo sustentável a integrar o Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil. Os projetos chegaram a ser finalistas do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, edição de 2003, e hoje recebem investimentos sociais da Fundação.

A união e a força das quebradeiras encantam. Pensam grande e trabalham para realizar novos sonhos. Subvertendo práticas infelizmente enraizadas na tradição local, como coronelismo e machismo, assumiram posição de protagonistas nas mudanças. Estão aumentando a renda familiar, criando empregos e conscientizando os mais jovens da luta por um futuro melhor. Sobre as mudanças, a quebradeira Carmelita de Souza, ciente da importância e da densidade de seus esforços, diz:

“Quando a gente está disposta a mudar, muda mesmo.”
No caso, sempre para melhor.

PERISCÓPIO

Assema cresce e já aparece na capital

A Fundação Banco do Brasil é parceira da Assema no Programa de Comunicação, Mobilização de Recursos e de Comercialização Solidária. Implantado o programa, a Assema passou a agregar valores históricos e culturais aos resultados obtidos. A entidade ganhou maior visibilidade no cenário nacional e maiores possibilidades de conseguir financiamentos e doações. A sede fica em Pedreiras. Desde 2003, através de incentivo da Fundação e

de outras instituições, conta, em São Luís, com a Embaixada do Babaçu Livre, casa de eventos, debates. Os visitantes conhecem a linha de produtos fabricados pelas cooperativas e a história das pessoas do Médio Mearim. Aprendem sobre agroextrativismo, comércio justo e economia do babaçu. Você pode saber mais sobre os projetos de Tecnologia Social e a Assema no endereço www.fundacaobancodobrasil.org.br.